

Uma memória para o pantanal: “lembranças” de um papabanana^{*}

Eudes Fernando Leite^{**}

Resumo. Neste artigo, a preocupação interpretativa contempla uma obra memorativa, ou um monumento, compreendida como texto fundador no que se refere aos escritos sobre o Pantanal, mais precisamente sobre a sub-região da Nhecolândia, próxima à cidade de Corumbá, no atual Estado de Mato Grosso do Sul. Discutir determinados aspectos do livro “Lembranças para meus filhos e descendentes”, publicado pela primeira vez em 1959, acentuando sua influência sobre outros escritos que apareceram na região na segunda metade do século XX, é o cerne do texto. A discussão sobre a construção de uma representação memorativa sobre o Pantanal, que considera a ação colonizadora enquanto resultado da atuação de pioneiros no “processo civilizatório”, apresenta-se, também, como um problema a ser enfrentado no campo historiográfico.

Palavras-chave: Memória; Narrativa; Pantanal.

Memoirs of the Pantanal: Remembrances of a Banana-Eater

Abstract. Current article analyzes a heritage work of art and a monument, or rather, the founding text for other texts on the Brazilian Pantanal, especially on the sub-region of Nhecolândia, close to the city of Corumbá, in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Lembranças para meus filhos e descendentes* [Memoirs for my sons and their offspring], published in 1959, is discussed with special emphasis on its influence on other writings published in the late 20th century. The discussion on the construction of a memorialist representation on the Pantanal taken as a colonizing activity, or rather, the product of frontier people within the ‘civilizing process’, is developed as a problem to be faced within the context of historiography.

Keywords: Memory; Narrative; Pantanal.

^{*} Artigo recebido em 21/01/2012. Aprovado em 02/06/2012. Pesquisa financiada pelo PROCAD/CAPEES.

^{**} Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Dourados/MS, Brasil. E-mail: eudesleite@ufgd.edu.br

Una memoria para el Pantanal: “recuerdos” de un Papabanana

Resumen. En este artículo, la preocupación interpretativa contempla una obra de memorias o, si se quiere, un monumento ya que es considerada como texto fundador en lo que se refiere a escritos sobre el Pantanal, más específicamente, sobre la región de Nhecolândia, cercana a la ciudad de Corumbá, en el actual Estado de Mato Grosso do Sul. La esencia de este texto es discutir determinados aspectos del libro “Recuerdos para mis hijos y descendientes”, publicado por primera vez en 1959, destacando su influencia sobre otros escritos que aparecieron en la región durante la segunda mitad del siglo XX. La discusión sobre la construcción de una representación memorística sobre el Pantanal, que considera la acción colonizadora como resultado de la acción de pioneros en el “proceso civilizatorio”, también se presenta como un problema a ser resuelto en el campo historiográfico.

Palabras clave: Memoria; Narrativa; Pantanal.

Introdução

A ampliação das preocupações a respeito da memória, verificada entre historiadores e outros profissionais das humanidades, favorece a percepção de fenômenos que até bem pouco tempo atrás não mereceriam ser tomados como relevantes para a pesquisa. Com as profundas transformações que ocorreram no campo da História, os estudos e as reflexões sobre a memória e as suas distintas acepções, constituíram-se como problema histórico também no âmbito regional. A memória, enquanto fenômeno que organiza lembranças e cuja finalidade é articular sentimentos de pertença e interesses comuns ao grupo, conforme sintetiza Pollak (1989), se vincula aos movimentos em favor da formação da identidade regional e que podem ser percebidos no interior da região pantaneira desde a segunda metade do século XX.

Neste texto, a preocupação contempla uma obra memorativa, ou um monumento, compreendida como texto fundador no que se refere aos escritos sobre o Pantanal, mais precisamente sobre a sub-região da Nhecolândia,

achegada à cidade de Corumbá, no Estado de Mato Grosso do Sul. Entender determinados aspectos do livro “Lembranças para meus filhos e descendentes”, de autoria de José de Barros, acentuando sua influência sobre outros escritos que apareceram na região na segunda metade do século XX, ocupará o cerne deste texto.

O livro “Lembranças”

Tomei, com todos os irmãos, a resolução de editar os apontamentos de memória do nosso Pai, no centenário do seu nascimento. Só assim podíamos dar cumprimento ao desejo paterno, de difundir entre todos os descendentes (hoje já numerosos), os ensinamentos de uma vida de lutas contra as necessidades primárias da existência, e de fé no trabalho orgânico e na honestidade (Explicação de João Leite de Barros. In: BARROS, 1959).

O trecho acima principia um pequeno livro de excepcional importância para que se compreendam os mecanismos de construção de um arcabouço memorativo, cuja finalidade mais relevante foi imprimir uma representação acerca do papel histórico desempenhado por seu autor, José de Barros (Jejé), e seus achegados, no âmbito do processo de “civilização” do Pantanal próximo à cidade de Corumbá, hoje, no Estado de Mato Grosso do Sul.

A explicação de João Leite de Barros, filho do autor, escrita em março de 1959 e publicada na primeira edição, foi uma espécie de resposta à expectativa do autor de “Lembranças”, que em fevereiro de 1910 deu início à escrita do livro. Enfatizando suas dúvidas acerca do que se faria com suas lembranças, José de Barros expressava de forma enfática a decisão de transformar sua experiência vital em modelo normativo para aqueles que dele descendessem.

Principiei hoje a escrever minhas lembranças, mesmo na incerteza de serem compreendidas por meus filhos, aos quais exclusivamente escrevo.

Ninguém mais me faria dar ao trabalho de colecionar fatos ocorridos em minha existência.

Espero que meus filhos terão o cuidado de ler e guardar estas memórias, como eu conservo, qual um tesouro as cartas que meu pai me dirigiu (BARROS, 1987, p.9).

José de Barros faleceu em abril de 1950, de forma serena e tranquila, segundo anotou João Leite de Barros.

A produção de um livro de memórias representa, antes de tudo, uma decisão de dotar certo passado pessoal ou coletivo, aqui entendido como um conjunto de eventos e experiências irrecuperáveis em sua plenitude, de significado e de relevância para a posteridade. É a materialização no âmbito da linguagem escrita de uma vontade de permanência para além da vida humana, introduzindo com tal ação um novo fenômeno integrante da cultura, o ato de relembrar ou rememorar. O passado adquire, no contexto da rememoração, um significado relevante, sobretudo, porque deixa livres experiências que inicialmente foram particulares e que na fase do recordar se pretendem exemplares e normativas. Também é um ato de exposição de circunstâncias classificadas como dignas de (re) conhecimento e tomadas como modelares por outros indivíduos e pelas gerações subseqüentes.

Escrever um texto sobre o passado do indivíduo – um escrito sobre si – é ampliar o campo da experiência pessoal por meio da escrita que, no movimento do rememorar, implicará a transformação de um fenômeno mental em outro, o da narrativa. Parece ocorrer uma migração do conteúdo da memória, ampliando-se o caminho do percurso experiência-memória e que agora será instituída no interior de um suporte, cujos sentidos são alcançados pelo forjamento de um texto escrito que, por seu turno, integra outros conjuntos normativos.

Ao distinguir a ação de rememorar da ação de memorização, Ricouer contribui para identificarmos as distinções das duas situações, especialmente porque a decisão de memorização requer uma atuação pragmática de apropriação cognitiva. Enquanto que

Com a rememoração, enfatiza-se o retorno à consciência despertada de um acontecimento reconhecido como tendo ocorrido antes do momento em que esta declara tê-lo sentido, percebido, sabido. A marca temporal do antes constitui, assim, o traço distintivo da recordação, sob a dupla forma da evocação simples e do reconhecimento que conclui o processo de recordação (RICOUER, 2007, p. 73).

Quando “Lembranças” foi publicado, em uma segunda edição, pelo Centro Gráfico do Senado Federal, em 1987, José de Barros, se estivesse vivo (ele morreu em 1950, portanto 37 anos antes), talvez enxergasse nesse fato, pelo menos, uma parte da materialização de sua vontade, uma vez que em 1959, nove anos depois de seu desaparecimento, seus filhos, por meio de João Leite de Barros, concretizaram a publicação da primeira edição do livro.

A publicação realizada pelo Senado, em 1987, colocava em sintonia a relevância política de duas figuras proeminentes na esfera política mato-grossense e na sul-mato-grossense: José Fragelli e João Leite de Barros. O primeiro ocupava a presidência do Senado brasileiro, nos anos iniciais da redemocratização e construiu sua carreira política a partir de Aquidauana. Bacharel em Direito, José Manoel Fontanilhas Fragelli, filho de imigrantes, nasceu em Corumbá, foi governador, senador e, quando na presidência do Senado, exerceu a presidência da República, em momentos alternados. Além disso, Fragelli, morto em abril de 2010, tornou-se um importante pecuarista no Pantanal. Sua carreira foi marcada por momentos curiosos, como quando assumiu a defesa de presos políticos em Aquidauana, logo após o Golpe de 1964 (Cf. LEITE, 2010).

Na nota introdutória, o então Senador Fragelli enfatiza que a publicação de “Lembranças” seria útil ao País, especialmente, por conta das discussões atinentes à Reforma Agrária. No interior da obra, encontrava-se, pois, o relato da ação “heróica” no desbravamento do Pantanal. O conteúdo, de acordo com o entendimento do senador, “fornece fortes pormenores ilustrativos sobre a forma de desbravamento e ocupação das terras, no século passado [século XIX], naquela região matogrossense” (José Fragelli, In:

BARROS, 1987, p. 8). Tal publicação pretendia ressaltar momentos de lutas, sacrifícios e coragem de pessoas que se embrenharam no Pantanal e cuja história alcançaria um lugar de destaque, prestando-se a iluminar o momento em que, no contexto da elaboração da nova constituição brasileira, oportunizavam discussões calorosas e tensas a respeito de temas como o acesso a terra.

Por sua vez, João Leite de Barros também desenvolveu carreira política em Mato Grosso, tendo ocupado diversos cargos ao longo de sua vida. Em 1950, tornou-se vice-governador e durante a vida sempre exerceu influência na política mato-grossense, sendo-nos impossível nos esquecer de sua relevância enquanto descendente dos pioneiros do Pantanal sul-mato-grossense.

As anotações de João Leite de Barros e José Fragelli fornecem indicações importantes a respeito do caráter (co)memorativo, impregnado no texto de José de Barros. Este pioneiro, desde a atribuição de título às suas anotações, expressava claramente sua pretensão: “Lembranças” viria seguido do complemento “para os meus filhos e descendentes”, o que indica a intencionalidade dele de direcionar o texto e seu conteúdo para o núcleo familiar. Mas em um momento em que as circunstâncias favoreciam a difusão daqueles escritos, considerando-se ainda a relevância que a sub-região da Nhecolândia adquiriu no contexto regional, a apropriação do livro e das informações que ele contempla foi indispensável para que as representações de pioneirismo e protagonismo histórico tivessem um lugar de origem – a Fazenda Firme – e personagens dotados de valores distintos – Nheco (Joaquim Eugênio Gomes da Silva), José de Barros e outros familiares –, ocupando o centro do palco regional.

É possível que as figuras de José Fragelli e João Leite de Barros tenham se instituído enquanto suporte político, colaborando para potencializar o conteúdo do livro “Lembranças”. Políticos de importância regional, com

diversas inserções nas esferas mais expressivas da República, essas personagens avalizaram o conteúdo do texto ao reconhecer *os ensinamentos de uma vida de lutas contra as necessidades primárias da existência* como dignos de maior expressão entre aqueles alheios à experiência do “pioneiro” pantaneiro.

No interior de suas 90 páginas, “Lembranças” encerra temas variados: dos enfrentamentos com natureza local, passando pela introdução da pecuária na região e as dificuldades decorrentes dessa atividade, até o registro de circunstâncias trágicas. José de Barros deu início a sua empreita escriturística em 1910, cerca de 40 anos antes de sua morte. O marco cronológico de sua narrativa foi o próprio nascimento – 1º. de maio de 1859 –; na sequência, ano a ano, e inicialmente mês a mês, dia após dia, o autor aponta ocorrências que julgou relevantes: nascimentos, doenças e mortes na família, compra, venda e troca de animais, festas, eleições, viagens, enfim, uma plêiade de temas comparecem face à pena simples mas direta desse homem dos pantanais. No texto publicado, as anotações terminam em 1938, restando dúvidas sobre até onde teria Barros prosseguido, em suas anotações, uma vez que, a partir dessa data, seu filho, João Leite de Barros, optou pela não publicação das informações. Constatamos igualmente que, nos últimos anos registrados, a narrativa se modificou de forma significativa: as anotações ficaram mais lacônicas e os “saltos temporais” se tornaram mais recorrentes.

José de Barros¹ não se configura enquanto um expressivo polígrafo, mas, quando se propôs a escrever sobre sua história no contexto da fundação

¹ Abílio de Barros (1998), pautado em autores como Pedro Taques, Alcântara Machado, Sergio Milliet e Afonso Taunay, explica que a origem das famílias que se mudaram de Livramento-MT para a região pantaneira, mais tarde conhecida como Nhecolândia, está ligada à chamada nobreza que recebera seus títulos por conta da necessidade da Coroa em garantir o domínio no processo de colonização. Surge, no caso de Mato-Grosso, o cuiabano de “chapa e cruz”, indicativo da origem social dos indivíduos. Desse grupo social, aparecem os “papabananás que foram fundar fazendas no pantanal de Corumbá, os nhecolandenses. Mais especialmente os Barros, que são Antunes Maciel, que são Arruda, que são Figueiredo, que são Campos, que são Medeiros, Botelho etc., densamente entrelaçados, o que torna quase impossível o seu delineamento genealógico” (BARROS, 1998).

de fazendas no Pantanal, parecia ter clareza a respeito do significado social, político e econômico da implantação da pecuária naqueles sertões encharcados. Suas anotações deixam claras diversas nuances de um processo colonizador que resultaria na designação da região em que se fixou sob o nome de Nhecolândia, espécie de *lôcus* escolhido por aqueles que deixaram o Norte mato-grossense e optaram por se estabelecerem na área pantaneira mais próxima da cidade de Corumbá.

Mas, se José de Barros tomou a decisão de escrever suas memórias, adotando, para essa tarefa, a escrita de um diário em que o leitor tem a impressão de ora estar tomando contato com informações grafadas no calor do momento, ora é informado claramente de um ato de lembrança, a intencionalidade de ensinar a seus descendentes foi suplantada nas variadas formas adotadas na apropriação do texto. O autor enuncia, em distintos momentos do livro, as características que permitem tomar sua escrita como um rememorar, embora restem dúvidas sobre anotações que talvez tivessem sido efetuadas em períodos anteriores a 1910. Não há indicações precisas sobre a existência de um texto anterior, algo como um “pré-lembranças” ou rascunho com informações, mas a forma cronológica, a riqueza de certos detalhes e a maneira pela qual certas informações foram armazenadas dão a entender essa possibilidade. O formato descritivo e geralmente direto de escrita sugere que o autor manteve algum diário ou outro tipo de suporte no qual realizava apontamentos assistemáticos, relevando minudências, caracterizando-se, assim, em um instrumento de memória. Essa estratégia, segundo nos parece, está plenamente de acordo com suas antigas preocupações com o domínio da escrita e das artes da aritmética, aspecto verificado desde sua infância. As circunstâncias de aquisição do domínio da gramática e da aritmética, por parte de José de Barros, ocorrência datada a partir de 1870, ao serem rememoradas, indicam que esses recursos da cultura estavam relacionados às necessidades do

mundo do trabalho. Para Barros, seus pais contribuíram em seu aprendizado, em suas palavras: “muito tem me servido o pouco que aprendi” (BARROS, 1959, p. 10).

Figura 1: Capa da primeira edição do livro *Lembranças*.



Para melhor noção sobre a intencionalidade do texto e das opções do autor, realçamos alguns temas de maior relevância, considerando a frequência das referências apresentadas. “Lembranças para meus filhos e descendentes” está dividido em quatro momentos ou capítulos: 1º, Explicação, escrita por João Leite de Barros em 1959; 2º, Nota Introdutória, de autoria de José Fragelli, datada de 1987; 3º, Apresentação, anotada pelo autor, José de Barros, que dá a entender que ela é de 1910; e 4º, Apontamentos, o mais extenso e detalhado conjunto informativo do livro. José de Barros menciona, com notável recorrência, as atividades ligadas ao universo rural e pastoril, ambiente de sua origem e que lhe garantiu, após longos anos, amealhar poder econômico e

prestígio. Nesse contexto, o trabalho com o gado bovino e o equino – atividade central no ambiente pantaneiro – marcou a vida do autor, tanto quanto se tornou o símbolo econômico do Pantanal. Ano a ano, Barros anotou a contabilidade de suas atividades com o gado; desde aqueles animais recebidos como presentes de familiares, como de Nheco, até a produção verificada pelos animais de sua propriedade, tudo foi objeto de nota e comentários por parte de um homem que parecia ter obstinação em superar suas dificuldades e obter sucesso ante as situações desafiadoras. Escrevendo no mês de dezembro de 1897, por exemplo, José Barros oferece o seguinte balanço sobre o ano que se encerrava:

Dezembro – Ano de pouca chuva. Perdemos a roça de milho. Gastei neste ano 29 reses. Por um descuido deixei de apontar o número de bezerros que colhi. O ano passado gastei 25 reses. Não podendo vender boiada, pelo diminuto número de bois que tinha então, fazia carne seca quando havia necessidade de artigos de Corumbá. Conduzia a carne em batelão, com as maiores dificuldades, pois, como já disse, lancha quase não havia naquele tempo. Não tendo carro, era preciso tomar emprestado do Nheco para levar ao porto (BARROS, 1987, p. 40).

E, para o final do ano de 1898, lemos:

Dezembro 31 – Nada digno de menção ocorreu desde junho até hoje. O Serviço foi somente de gado para ver se não perco muito bezerro. Não posso saber quantos bezerros meus foram assinalados no correr deste ano, pois assinalam para mim no Firme, Onça Parda e Paraíso, sendo-me impossível contá-los. A marca de ferro que faço aqui no Borití atingiu a 134 reses. Gastei no ano 54 reses para matalotagem e carne seca para vender, pois naquele tempo não poderia vender gado de outra maneira. Não tinha bois que pudesse reunir e tocar para Corumbá. Ano de pouca chuva. Vazante Grande completamente seca (BARROS, 1987, p. 42).

Nesses dois trechos é perceptível a presença de um homem atento à produção pastoril e aos elementos que fazem parte do ambiente da fazenda de gado. As anotações acerca da produção pastoril poderiam, se bem analisadas, oferecer excelentes pistas sobre o funcionamento da economia pantaneira na virada do século XIX para o XX até alcançar a década de 1930. Esses apontamentos informam, de forma substancial, a essência das práticas

econômicas construídas, indicando valores de produção, de troca, associados aos valores simbólicos construídos na *labuta* pela inserção da pecuária na região em tela. E, para termos uma ideia a respeito dessa obstinação com detalhes da produção pecuária, é-nos possível perceber que certos eventos de caráter pessoal recebem menos atenção, por parte do autor, quando comparados às atividades relacionadas ao universo econômico. Isso se verifica quando do casamento, ocorrido em 1886, e que mereceu poucas palavras, ou as referências à esposa, Maria Leite de Barros, cujo nome completo só aparecerá quando da morte da companheira, em 1926. Esse aspecto não consente insinuar algum tipo de desvalorização ou desprezo pela companheira que tomou “[...] parte igual na minha vida, 39 anos, 8 meses e 10 dias” (BARROS, 1987, p. 70), mas permite perceber o quanto José de Barros foi um homem de sua época, para quem o mundo do trabalho sempre foi sinônimo da própria identidade. Em 1909, morreria Joaquim Eugênio Gomes da Silva, o Nheco, personagem importante na história de vida de José de Barros, que se mostrou, novamente espartano nas suas observações a respeito do desaparecimento daquele que o motivara a se instalar na Nhecolândia: “Março 24 – Faleceu meu cunhado e amigo Nheco, sentimos muito a sua morte” (BARROS, 1987, p. 54). Essas duas situações, anotadas aqui apenas para ilustrar, demonstram que o universo mental de Barros impede expressões de afetividades e emoções; a dor, o luto, enfim, sentimentos em geral é parte da existência cotidiana, mas não devem merecer maiores zelos. Naquele momento, naquelas lonjuras, as atenções para a vida pessoal pareciam estabelecer alguma parcimônia no que diz respeito a exposições públicas.

Outros dois componentes relevantes, presentes nas páginas de “Lembranças”, são as preocupações de Barros com a política e a economia e suas avaliações sobre o envelhecimento e a felicidade. Ao longo do livro, encontram-se ainda apontamentos sobre o trabalho escravo e sua abolição, a

derrocada do Império brasileiro,² os conflitos verificados na implantação e consolidação da República, as constantes intempéries manifestadas na política mato-grossense, a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o tenentismo, a passagem da Coluna Prestes pelo Pantanal, a presença de Silvino Jacques nessa região, o primeiro avião a pousar nas fazendas pantaneiras, a chegada do automóvel, a presença de epidemias na cidade de Corumbá, entre as muitas observações a respeito de mudanças no mercado da pecuária.

As anotações e as alusões efetuadas por José de Barros a esses e outros temas permitem assegurar que ele nunca esteve alheio ao que ocorria a sua volta e em lugares mais afastados de seu cotidiano. Seus apontamentos demonstram sintonia com os acontecimentos, tanto na esfera regional quanto em âmbito nacional, e, ao cabo, essa condição coloca em dúvida assertivas que fizeram e fazem acreditar que o Pantanal foi uma região isolada, destacada do restante do País, insinuando certo afastamento da historicidade brasileira. Parece-nos insustentável acreditar que, embora afastados de centros econômicos, políticos e culturais, os migrantes que se estabeleceram no Pantanal, nas duas últimas décadas do século XIX, possam ser inseridos numa condição de isolamento pleno. O conteúdo de “Lembranças” atesta, sob ângulos e por razões distintas, os vínculos pantaneiros com Cuiabá, Cáceres, Rio de Janeiro e Corumbá e Assunção, no Paraguai; mais tarde, especialmente a partir dos anos 1920, emergem referências a Campo Grande e a outras urbes brasileiras.

² O fim do Império e a Proclamação da República mereceram especial atenção de José de Barros: “A 15 de novembro, foi a deposição do Imperador do Brasil e o advento da República brasileira. Pormenores ocorridos nessa revolução deixo de mencionar por estarem no domínio da história do Brasil” (BARROS, 1987, p. 26). São simples observações ou constatações de um episódio, mas, logo em seguida, é possível encontrar a transcrição da mensagem assinada pelo Marechal Deodoro da Fonseca e enviada ao Imperador, comunicando este do ocorrido e ordenando-lhe a saída do Brasil. Logo na sequência, encontra-se igual documento, esse com a resposta do Imperador ao Marechal. Então, por esse ato, é possível compreender o significado do evento para José de Barros, além de indicar sua atenção para o que ocorria fora do Pantanal.

As observações de José de Barros a respeito de temas *existenciais* integram o núcleo da segunda parte até aqui tratada. Nas anotações iniciais do livro, datadas de 1910, Barros esclareceu a finalidade pretendida para a obra, ainda que deixasse escapar dúvidas sobre o alcance da mesma. Em dezembro de 1925, aparecem as primeiras observações acerca do envelhecimento, marcado por dificuldades de visão, memória e problemas estomacais, tudo associado à saudade do filho, Belmiro, morto em 1923. A compreensão de Barros sobre tais circunstâncias é econômica: “Mas tudo isso é o deslize da nossa vida quando em declínio” (BARROS, 1987, p. 70). Em janeiro de 1933, novas observações sobre a velhice reaparecem associadas à preocupação com dificuldades apresentadas no aparelho urinário. No ano de 1937, precisamente em março, Barros viaja em busca de tratamento para seus problemas óticos; no mês de dezembro desse ano, encontram-se a últimas notas sobre o envelhecimento: “Importantes manifestações de decrepitude invadiram meu organismo. Fraqueza física e mental próprias dos meus 78 anos de existência” (BARROS, 1987, p. 88). Barros faleceria em abril de 1950, 13 anos após essa última nota, “[...] três dias antes de completar 91 anos, em plena lucidez de espírito” (João Leite de Barros, In: BARROS, 1987, p. 92).

Esses períodos interpõem uma espécie de trava ao estilo econômico, direto e quase impessoal que caracteriza a escrita de Barros. Embora tenha confessado progressivo desapego à sua religião primeira, a católica, José de Barros, personagem central de sua própria obra, deixa escapar algumas características daqueles que possuem laços mais estreitos com as práticas religiosas do catolicismo. Em distintos momentos do livro, encontram-se menções à participação em eventos sacramentais: batizados, casamentos e festas religiosas. As observações que fez sobre temas como o envelhecimento ou, noutro extremo, sobre política denotam que o anseio, quando de sua juventude, em adquirir um arcabouço intelectual de maior extensão permitiu a

construção de juízos de valores pouco comuns a indivíduos que enfrentaram situações desfavoráveis ao longo de suas vidas. Alves (2003), em breve estudo no qual chamou atenção para a “formação de José de Barros” enquanto alguém que se faz no ambiente do trabalho, destaca que “[...] nunca é desnecessário realçar as capacidades reveladas por esses homens, tidos, muitas vezes, erroneamente, como *brancos*. Pobres e rústicos sim, mas não *brancos*. Pobres e rústicos e aptos para o exercício de diferenciadas lides no âmbito da produção material” (ALVES, 2003, p. 90). Ainda de acordo com esse autor, as origens dos “pioneiros” que remontam aos bandeirantes que se estabeleceram em Cuiabá, no século XVIII, explicam determinadas práticas sociais. Esse grupo seria originário de segmentos nobres e fidalgos empobrecidos, os quais ao longo do tempo migraram e alcançaram a região das minas mato-grossenses.

Ainda sobre o imaginário de José de Barros, o conteúdo de “Lembranças” permite arriscar a afirmação de que se trata de personagem que articulou sua experiência de vida às ferramentas intelectuais adquiridas na escola, na família, em ambientes e atividades distintas que exerceu. As diversas fontes formativas da cosmovisão do autor (cerca de cinco anos na escola, leituras da Bíblia e de outros textos religiosos, envolvimento em atividades comerciais) parecem ter implicado a aquisição de valores e instrumentos de ação na vida cotidiana com a finalidade de superar os obstáculos, especialmente o do empobrecimento, em seu cotidiano.

Tudo isso lhe facultou interessantes mecanismos de leitura de seu mundo. No campo das inferências, acreditamos que Barros deve ter realizado um conjunto de leituras seculares, as quais o influenciaram, cedendo-lhe conceitos que fazem de sua narrativa um texto seco, à imagem de uma das estações do Pantanal, mas integrado por significativas pistas acerca do processo histórico do qual fez parte. Barros, por exemplo, não se deixou encantar facilmente pela natureza da região; ao contrário, suas observações a respeito do

ambiente tomam a natureza pantaneira como um fenômeno ambiental a ser dominado e modificado pelo homem. Não há idealização; há obstáculos a serem enfrentados pelo homem e em benefício do homem. O Pantanal de José de Barros é pouco ou nada paradisíaco, sobretudo nos momentos em que a seca predomina na região, trazendo prejuízos para as atividades pastoris. Por outro lado, também é na natureza, especificamente, das matas que saíram a madeira e a palha para a construção das moradias ou para a construção de currais e cercas. Nesse tópico, Barros retoma sua experiência e prática, ocorridas ainda quando construía uma casa para os pais, fato anterior à migração para a Nhecolândia. A ação do “pioneiro”, de Barros e muitos outros, se deu na direção de avançar sobre a natureza, delineando um ambiente em que a vida estava associada à capacidade produtiva do lugar. Dessa tarefa resultaria, ao olhar de José de Barros, uma paisagem cujas características foram desafiadoras e sobre a qual restou uma memória narrada a partir de uma experiência poucas vezes encantadora ou encantada.

A região que historicamente foi marcada pela presença de enchentes e secas provoca observações, por parte de José de Barros, indicando suas preocupações com esses fenômenos. Em 1905, a enchente mobiliza José de Barros que segue para auxiliar seu cunhado, Nheco:

Maio 31 – A enchente deste ano foi a maior talvez que se tenha dado nestes campos e no rio Paraguai. Eu, com Manoel Leite, fui ajudar o Nheco a tirar gado do campo do Baú, embarcados pelo caminho; passamos pela tapera da Onça Parda, e no largo de onde se avista hoje a casa do Leôncio estando ventando norte, foi preciso nos escondermos num capão de mato, para que as ondas não emborcassem a montaria (BARROS, 1987, p. 52).

Anotações sobre as inundações se repetem para o ano seguinte. As enchentes verificadas entre os anos de 1905 e 1907 parecerem ter marcado o imaginário regional e foram consideradas entre as maiores inundações que a região pantaneira sofreria. Mais de 30 anos depois, José de Barros acentua os malefícios que a ausência de chuvas provocava sobre sua atividade:

Outubro 30 [1937] – Parti de caminhão para Corumbá chegando às 4 da tarde na Manga. Vestígios de grande seca pelo caminho. Secas as baías de Sta. Rita e a de Sta. Rosa. Waldir e comitiva atravessando para a margem direita do rio Paraguai o gado da fazenda Cáceres, para não morrer de sede, pois secaram todas as aguadas (BARROS, 1987, p. 87).

E, poucos meses depois dessa anotação, em dezembro, encontra-se a seguinte informação: “ano excessivamente sêco. Soube que os peixes da nossa baía estão morrendo” (BARROS, 1987, p. 81). Essa situação exigia providências, induzindo à ação de intervenção para garantir água ao rebanho: “devido à falta de chuvas tomou-se a iniciativa de fazer escavações nos campos de Bom Retiro e Laranjeiras” (BARROS, 1987, p. 81).

O século XX marca o surgimento das preocupações mais constantes e crescentes em relação às enchentes e às secas no Pantanal. As anotações de José de Barros atestam esse fenômeno, o que certamente decorre do processo exitoso de conquista e afazendamento da região próxima à cidade de Corumbá. A presença de Nheco e dos seus e, sobretudo, a de José de Barros promoveram a intensificação do domínio sobre o lugar e o crescimento da atividade pastoril levou esses homens e mulheres a sofrerem – e perceberem – as características da natureza e sua relevância para os que ali se instalaram.

O Pantanal, em “Lembranças”, está muito distante da condição paradisíaca que passou a significar a região a partir dos anos 1970. José de Barros não foi um apologista ou exportador de representações edênicas sobre o Pantanal porque o lugar, para ele e para os demais de seu grupo, era um ambiente que se manifestava como um conjunto natural que deveria ser conquistado, ajustado às demandas dos projetos vitais dos quais os Barros e Gomes da Silva eram portadores. A natureza pantaneira representava desafio que deveria ser enfrentado e superado, o que ocorreu quando o processo de instalação das fazendas de gado na região alcançou êxito. As primeiras medidas foram a locomoção do rebanho de uma área para outra e “[...] continuar o serviço de escavações em busca de água para o gado” (BARROS, 1987, p. 84).

Uma fonte memorativa para a História

O significado e o espaço ocupados por “Lembranças”, posteriores a sua publicação, provêm de interesses e razões variadas, aplicadas na apropriação do conteúdo do livro. Pelo menos duas dessas formas de assimilação reivindicam algumas observações.

A primeira delas se refere à decisão familiar, particularmente a de seu filho-político, João Leite de Barros, em trazer “Lembranças” a público, permitindo que o livro fosse conhecido para além dos espaços de parentesco. Imbuído do desejo de compartilhar os escritos de José de Barros que, segundo podemos inferir de sua escrita, foi um indivíduo devotado ao trabalho, cuja vida simples proporcionou ao próprio José de Barros, uma “rebuscada felicidade”, João Leite de Barros, de posse dos manuscritos empreendeu um trabalho editorial no sentido de organizar o texto de “Lembranças”, acrescentando explicações e complementos sobre pessoas e lugares, sem esquecer-se de definir precisamente o que seria de interesse de insabidos leitores. Quando da concretização dessa decisão, ao final do livro, encontramos um sutil e instigante esclarecimento:

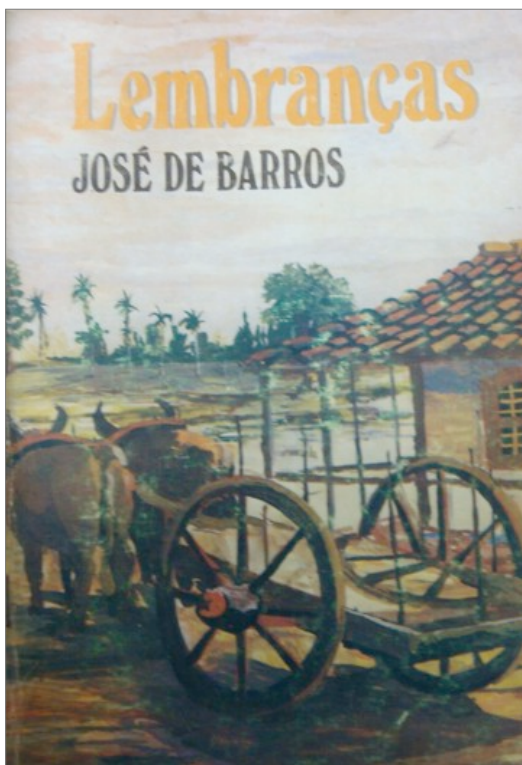
Neste ponto paramos a publicação das “lembranças”, por não apresentarem maior interesse. Nos últimos anos de vida, José de Barros se limitou a anotar, principalmente, a movimentação dos parentes, amigos e pessoas da família, fatos sem maior significação humana ou histórica (João Leite de Barros, In: BARROS, 1987, p. 92).

Essas informações ilustram uma situação na qual o indivíduo chama para si o poder de definir os elementos que devem figurar no texto memorativo e, por extensão, aquelas informações a serem alijadas do material.³ Nesse caso, um filho - João Leite de Barros - provavelmente apoiado por outros familiares de José de Barros, interfere no acervo memorativo instaurado por uma

³ Para Abílio de Barros (2007), os cortes no texto decorrem da necessidade de preservação de fatos relativos à intimidade familiar.

personagem que antes entendera que sua história de vida era relevante para a posteridade e, dessa forma, debruçou-se sobre o papel na tarefa de consolidar um relato no qual a escrita, fortemente influenciada pela oralidade, trataria de colaborar no trabalho de preservação e representação dos eventos perdidos no passado do autor e daqueles que dele se acercaram.

Figura 2: Capa da segunda edição do livro *Lembranças*.



No escopo dessa problemática, propomos o entendimento de que as lembranças escritas por José de Barros guardam alguma distância do livro “Lembranças”, publicado em 1987. A ação de João Leite de Barros pautou-se sobre um caráter seletivo uma vez que excluiu e incluiu informações; informações, as quais, ao serem redigidas por José de Barros, obedeceram ao critério de relevância memorativa pretendida pelo autor no momento da

decisão pela escrita e na organização de “Lembranças”. A determinação de selecionar a memória do pai implicou, com certeza, a alteração da natureza primeira da fonte, embora não sejam conhecidas as informações ausentes da publicação levada a cabo por João Leite de Barros. Tal etapa seletiva antecedeu à transformação do texto, escrito para os descendentes de José de Barros, num monumento escrito de alcance público, dilatando, assim, o sentido da memória do pioneiro na busca de um conjunto de “consumidores de memória” mais extenso que o familiar.

Enquanto problema, verificamos aí a presença de uma ação que expõe a relevância e as implicações relativas à constituição de uma fonte histórica, salientando as injunções que circundam um *objeto* representacional quando pensado em perspectiva diacrônica. Configura-se – e se repete – a antiga situação que exige dos pesquisadores a clareza no ato de discernimento entre a fonte e a experiência existencial que a mesma insinua substituir. Ainda que nos seja possível ter acesso aos rascunhos dos escritos de José de Barros, não teremos o passado enquanto experiência humana. Aliás, a localização dos originais de “Lembranças” e, da mesma forma, da parte faltante se instala como um desafio para outros momentos de pesquisa, mesmo porque ainda não se apresentaram pistas sobre esse material que pode estar perdido ou sob a posse de algum amigo ou familiar.

É certo que a localização dos originais permitiria o contato e o reconhecimento de muitos aspectos que contribuiriam decisivamente para se avaliar o teor das informações não publicadas, bem como entrar em contato com peculiaridades dos distintos textos, articulando-se a isso possíveis vicissitudes e idiossincrasias do autor. É importante anotar que não se trata de procurar a “fonte original” ou a gênese da história, mas compreender como a apropriação de uma fonte, independente de sua natureza ou suporte, congrega dimensões que extrapolam o conteúdo informativo por ela

preservado. Não é exagero relembrar uma prática corriqueira nos procedimentos da pesquisa histórica que considera a fonte um “objeto” relevante a partir das escolhas que o pesquisador faz mediante suas indagações ao passado. Ou seja, apresenta-se uma possibilidade de se compreender alguns aspectos que remetem à construção de uma fonte, antes mesmo do momento em que o historiador a reconheça enquanto tal, identificando sua identidade no curso da pesquisa histórica.⁴

Desenha-se, dessa forma, a proposição em que uma fonte se configura como tal no movimento provocado pela cultura historiográfica consagrada no interior da qual o historiador, ao consolidar certa problemática de pesquisa, segue na direção de localizar e reconhecer um produto - uma “coisa”!-, cuja relação de apropriação lhe confere a identidade de fonte histórica. Nessa teia, brevemente lembrada aqui, uma fonte não detém um caráter natural do manancial, mas é feita, transformada em fonte para a história.

Na perspectiva do historiador, que se debruça sobre “Lembranças” em busca de informações referentes ao Pantanal ou a temas correlatos, o trabalho pode ser classificado como uma fonte importante sob vários aspectos, permitindo que dados quantitativos e qualitativos possam ser conhecidos e analisados. Trata-se, nessas circunstâncias, de uma fonte escrita relevante, cujo conteúdo contribui para a ampliação do que se conhece sobre as estratégias de vida na região do Pantanal, especialmente daquelas famílias que lá se introduziram nas últimas décadas do século XIX.

Noutra direção, aquela que mais importa aqui, “Lembranças” é tomada enquanto fonte, mas também se coloca como um tema que suscita certa problemática a respeito da história e da memória pantaneira. O sentido e

⁴ Há, contemporaneamente, vasta bibliografia sobre fontes históricas, formas de uso, entre outros tópicos. Para efeito de pontuar referências gerais presentes neste *paper*, indico: (LE GOFF, 1992; PINSKY, 2005; PINSKY; DE LUCA, 2009).

as formas de emprego do livro, especialmente, a partir da década de 70 do século passado, dotaram-no de um significado peculiar para que a história local pudesse ser compreendida a partir da ação de pioneiros como Nheco e de José de Barros. As observações do Senador Fragelli, já aqui mencionadas, apenas realimentaram o valor que o livro vinha adquirindo na região, especificamente no Mato Grosso do Sul.

Ainda que não seja preocupação presente nesse momento, parece-nos relevante anotar que José de Barros e seu opúsculo deram início a uma profícua produção escrita, em cujo interior a ação dos homens no Pantanal justifica sua classificação enquanto pioneiros. À figura representacional do pioneiro concatena-se a de prócer de uma escrita endógena nutrida pela ação do homem sobre a natureza, num espaço peculiar do Oeste brasileiro. E, nessa trajetória literária, muitos outros descendentes de José de Barros – ou descendentes de parentes próximos – trataram de escrever a respeito do Pantanal. Talvez o nome de maior destaque desse grupo nos dias atuais seja o do poeta Manoel de Barros, autor que ganhou notoriedade nacional e foi transformado numa espécie de referência em relação às imagens poéticas que estabeleceram certo olhar melancólico em relação ao Pantanal; encontra-se na produção desse autor um complexo trabalho de construção de uma “paisagem poética” sobre o Pantanal.⁵

Escritos diversos e com preocupações distintas entre si tomaram “Lembranças” como repositório de informações confiáveis e que se

⁵ O complexo processo de afazendamento do Pantanal, especialmente, aquele da sub-região da Nhecolândia, aparece como questão central em diversos livros publicados por descendentes dos “pioneiros”. Com a finalidade de ilustrar, anoto os seguintes trabalhos: (PROENÇA, 1992; BARROS, 1998; 2007). Os autores e respectivos textos representam o que considero a fração mais expressiva e sofisticada do fenômeno de constituição da memória endógena sobre a colonização do Pantanal próximo a Corumbá. Outros autores e textos podem ser lembrados e acrescentados considerando-se critérios diversos. Manoel de Barros, poeta de significativa obra, é um exemplo da variedade e amplitude dos autores da extensa família “Barros”, ainda que se objete que sua obra guarde distância das demais, que são mais explícitas em suas características memorialistas.

prestariam para compreender parte da história pantaneira, particularmente da sub-região da Nhicolândia.⁶

Entre os descendentes dos pioneiros da Nhicolândia, Augusto César Proença, originário da família Gomes da Silva, é o principal intelectual devotado a escrever sobre a região. Escritor, jornalista, cronista, Augusto Proença é autor de “Pantanal: gente tradição e história”, obra responsável por divulgar, de forma clara e simples, o que o autor entende ser parte relevante da história local, sublinhando a ação de seus antepassados. Segundo Proença, ao escrever a introdução de seu livro:

passados muitos anos, tento dar a resposta, escrevendo a história dessa gente do Pantanal. [...] Procurarei erguer seus mortos para repensar com eles o mundo que construíram. Contarei das lendas. Dos ‘causos’. Dos fachos luminosos que brilham nos céus. Buscarei das curvas dos rios ou sussurros dos homens que um dia tombaram por desilusão, desânimo ou força. Dos homens que fizeram uma história, legaram uma tradição, um mapa, e souberam respeitar uma grandeza (PROENÇA, 1992, p. 10).

O livro de Proença está diretamente ligado à representação colonizadora presente em “Lembranças”, de José de Barros. Dividido em quatro capítulos, o texto percorre a história da região desde o período colonial até a consolidação das fazendas de gado no Pantanal, particularmente na região da Nhicolândia. Em outros escritos, o autor também retoma a temática central de “Pantanal: gente tradição e História”. Em “Rodeio a céu aberto: a bravura do pantaneiro” (PROENÇA, 2010), aparece com vigor um conjunto de referências à ação varonil e desbravadora do homem pantaneiro, escorado na memória dos antepassados da Nhicolândia. Contudo, consideramos que o escrito mais sofisticado de Proença acerca do Pantanal e da ação humana para

⁶ Augusto Proença entende que “Lembranças” é um diário e sua contribuição é decisiva para se conhecer a ação dos pioneiros na Nhicolândia. Ainda que reclame um texto de melhor qualidade estética, esse autor dimensiona o significado do texto de Barros para o conhecimento sobre a ação dos “pioneiros”, sobre uma área inóspita e que exigia coragem daqueles que ali se aventuraram. Uma das questões mais relevantes no livro, segundo Proença, diz respeito à bravura e à coragem daqueles indivíduos que se aventuraram no Pantanal, condição que desapareceu com os pioneiros (ENTREVISTA, 2010).

domesticá-lo encontra-se em “Raízes do Pantanal: Cangas e Canzis” (PROENÇA, 1989). No interior desse romance, o autor adentra às sombras do homem que vaga na região em busca de um lugar para se fixar. As personagens de “Raízes” evidenciam sua origem histórica, ou seja, ganham identidade na trajetória dos colonizadores, antepassados do autor.⁷

Outro livro relevante para avaliarmos o impacto da trajetória percorrida por “Lembranças”, no processo de *fundação* de uma memória para o Pantanal da Nhecolândia, é “Gente pantaneira (crônicas de sua História)”, da pena de Abílio Leite de Barros (1998), irmão do poeta Manoel de Barros. Contendo três capítulos, “Gente pantaneira” é um livro de crônicas, classificação pleiteada pelo próprio autor, destinadas a preservar a imagem do homem pantaneiro, um ser que, no entendimento de Abílio de Barros, está em extinção. Em suma, a razão da obra é tratar do homem que habita o Pantanal, seus hábitos e valores, o que sugere a busca pela definição do *ethos* pantaneiro e sua essencialidade.

Nessa tarefa, torna-se importante visitar o local e seu habitante e, para tanto, o cronista indica suas ferramentas ou as áreas de saber a serem utilizadas:

Vou me servir de noções de história, psicologia e sociologia para a narrativa e interpretação de fatos. Mas que não me peçam o rigor dos especialistas. Por isso chamei de crônicas este trabalho, querendo usar certa ‘irresponsabilidade’ que este gênero literário, de vó raso, se permite. Mais frequentemente são crônicas, no sentido mais antigo do termo, sinônimo de notícia ou narrativa histórica (BARROS, 1998, p. 7-8).

Contudo, não é objetivo deste artigo discutir os diversos textos que apareceram e continuam a surgir e que tratam da presença das famílias Gomes da Silva e Barros enquanto pioneiras na *colonização* do Pantanal, especialmente na parte localizada no atual Estado de Mato Grosso do Sul.

⁷ Não cabem aqui maiores referências à “Raízes do Pantanal: Cangas e Canzis. O leitor interessado poderá encontrar uma discussão sobre o livro de Augusto Proença em Leite (2011).

Há no interior do livro de José Barros dois instantes distintos, o primeiro trata dos acontecimentos verificados antes da migração do autor para a Fazenda Firme; já, no segundo período, as informações que constituem a narrativa dão conta da migração e da instalação de Barros e seus familiares na área sob domínio de Nheco. Esse segundo momento constitui-se pela inserção dos fatos narrados em “Lembranças” e principia-se com a decisão de José Barros, após insistência de Joaquim Eugênio Gomes da Silva (Nheco), em aceitar o convite para se mudar para a Fazenda Firme. Barros deixa claras suas dificuldades naquele momento e escreve sobre suas dúvidas em alcançar sucesso em Laranjeira, avaliação que se destaca face à oferta do cunhado.

Eram tentadoras as promessas do Nheco. Disse-nos que possuía quase cem léguas de campos de cria; que dentro dos limites desses campos, poderíamos estabelecer, escolhendo o lugar que mais nos conviesse; que nos faria doação [doação] da extensão de campo que precisássemos; que nos ajudaria na condução do nosso gado e nos daria toda e qualquer proteção, até que nos pudéssemos reabilitar dos prejuízos causados pela mudança (BARROS, 1987, p. 31).

Considerando as dificuldades vivenciadas e vislumbrando um desdobramento favorável ante essa proposta, Barros se prepara para “descer”, rumo a um lugar ainda desconhecido. Em 13 de outubro de 1894, José de Barros inicia sua viagem em direção à Fazenda Firme, ali chegando em 15 de novembro do mesmo ano, conduzindo cerca de 750 animais bovinos. Essas informações aparecem à página 34 de “Lembranças”, ou seja, a partir desse momento, o conteúdo do livro terá seu foco voltado para a instalação de José de Barros e seus próximos em área integrante da Fazenda Firme. Encontra-se aí o princípio de uma nova fase ou episódio para a história e, na sequência, para a narrativa escrita por José de Barros.

Para trás, ficaram as conquistas até ali obtidas, inclusive a área denominada Laranjeira, na qual criava seu gado e que não fora devidamente registrado por ele. Mas Barros demonstra perspicácia em relação ao convite de

Nheco, deixando claro que compreendia o projeto visualizado para a consolidação do domínio territorial no Pantanal. Após informar que havia decidido pela mudança, José de Barros concluiu que “havia razão do Nheco nos prometer dar o terreno que precisássemos. Os seus domínios, já tão extensos, poderiam ser aumentados o quanto desejasse” (BARROS, 1987, p. 32). Para Barros, a presença da parentela na região possibilitaria a construção de um *antemural* destinado a manter e ampliar o domínio sobre a terra.

Ainda que nos faltem maiores informações a respeito das intenções de Nheco, é estimulante considerar que a percepção de Barros a respeito da estratégia de seu cunhado era correta. Nheco parecia ter clareza da necessidade de se acercar de parentes, constituindo uma teia de relações que garantisse o sucesso do seu empreendimento no Pantanal. Mais tarde, esse possível projeto de colonização do pantanal corumbaense se manifestaria com a predominância das famílias Gomes da Silva e Barros, sem desprezar o fato de que Nheco seria imortalizado com a designação da região como Nhecolândia.

Todavia, se “Lembranças” pode ser tomado como a obra “pioneira” acerca da colonização de uma sub-região do Pantanal, outros textos de diversas naturezas trataram de dar prosseguimento ao sonho de José de Barros, principalmente no que tange à valorização das ações encetadas por figuras destemidas. José de Barros, quando idealizou um futuro para seu passado, construindo um texto, procedeu como uma espécie de visionário que desejava ir além da fundação de fazendas e da consolidação da pecuária pantaneira; pensou e escreveu na direção de fundar uma memória – a sua e de seus parentes, como Nheco – para consolidar o processo migratório, transformando-o em ação vitoriosa de seu grupo social que se confunde com a própria família.⁸

⁸ Um estudo genealógico que tome as famílias que se instalaram no Pantanal próximo a Corumbá, a partir dos fins do século XIX, poderia avaliar a complexidade do processo de distinção entre figuras de uma geração e daqueles que se seguem. É notável a constância com que os nomes se repetem, o que não

O trabalho em favor da memória, a sua, em especial, empreendido por José de Barros foi vitorioso na medida em que, num simples arrolamento bibliográfico, poderemos encontrar diversos livros que tomam o passado do Pantanal da Nhecolândia como resultante da ação dos pioneiros, tendo Nheco à frente, secundado por José de Barros. Se Nheco alcançou lugar na memória local pela decisão de tentar recuperar as terras do pai, Barros, com sua pena, criou uma representação, ainda que menos vistosa, para a trama histórica. Não nos parece gratuito que o capítulo “apontamentos”, na página 13 de “Lembranças”, se inicie justamente com as informações sobre o casamento de Nheco com Maria Mercedes, a irmã do autor!

Michel Pollak, retomando as observações de Maurice Halbwachs, lembra que ainda que a memória seja compreendida como fenômeno individual, trata-se ela de uma experiência do grupo. Ela, a memória, é um acontecimento que se submete a modificações, recusando-se a ações de solidificação ou fossilizações, mesmo que no núcleo da memória se apresentem elementos estáveis (POLLAK, 1992, p. 200-201). A constituição da memória encerra, numa relação interdiscursiva e funcional, os acontecimentos e as personagens ou agentes da ação que caracterizam um ou mais fatos dignos de nota e cuja ocorrência implica a identificação de um espaço, um palco no qual os três elementos se conjugam.

No caso em tela, ou seja, o significado de “Lembranças” para *e na* memória pantaneira, é indispensável pensarmos a obra como um marco memorativo, constituído para preservar e difundir informes para a posteridade e, ainda, definir o lugar das personagens no passado local. Esses aspectos incidem sobre noções mais simples acerca da produção de um elemento

invariavelmente pode causar confusões quando da leitura de fontes a respeito do Pantanal. A compreensão da história dessas famílias provoca a sensação de que estamos frente a uma obra de Garcia Marques, quando as personagens parecem não desaparecer ou, noutra perspectiva, reaparecem, indicando uma permanência na própria trama.

memorativo, tal como “Lembranças”, e que o tomam como um texto menor, cujas características têm a ver com a pretensão de um proprietário rural que decidiu escrever suas recordações, de forma direta e nada rebuscada. Na essência desse fenômeno, existe um grau de intencionalidade, fator que opera no sentido das escolhas acerca do que se deve lembrar. E, nesse sentido, a opção inicial de José de Barros em escrever para seus filhos e descendentes indica sua escolha por uma espécie de público seletivo, para quem o autor se dirigiu, mas, noutro instante, quando da ampliação daqueles que acessaram “Lembranças”, percebemos claramente que, para adotar a expressão polakiana, *a memória é um fenômeno construído*, até porque o que restou – e foi reelaborado – da trajetória do pioneiro garantiu prerrogativas sociais, políticas, econômicas e culturais para seus descendentes.

Posteriormente, a memória sobre a colonização da Nhecolândia ganhará muitos outros elementos que potencializaram sua eficácia enquanto um mecanismo garantidor de interesses diversos. Nas décadas de 1930 a 1960, aparecerem muitos *monumentos* que refletirão o sucesso do projeto esboçado por José de Barros. O surgimento do “Boletim da Nhecolândia” e a criação do Centro de Criadores de Nhecolândia são exemplares para percebermos o sucesso da colonização e a constituição de ferramentas e locais vocacionados para a defesa e a difusão dos interesses dos proprietários da Nhecolândia.

Encontram-se nos acontecimentos mencionados a articulação de espaços e monumentos dedicados ao fortalecimento da memória de José de Barros e de Nheco e seus respectivos descendentes. Nesse entendimento, subsiste a razão pleiteada para a construção, preservação e difusão da memória dos pioneiros da Nhecolândia e se atribui à memória a tarefa de deliberar e fortalecer laços e noções de aproximação, identificação e pertencimentos (POLLAK, 1989, p. 9). Dessa maneira, “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade,

para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLAK, 1989, p. 9).

O processo de elaboração da memória dos pioneiros pantaneiros encontra sua semente em “Lembranças”, segundo cremos ter demonstrado até aqui. Mas ainda é destacável a percepção de que essa “obra pioneira” traz uma face peculiar de seu autor, quando lembrado o contexto em que viveu e, depois, formatou sua escrita. José de Barros consolidou em seu texto aquilo que integrava sua autorrepresentação, cujo local era uma região inóspita e no contexto histórico em que lhe competia domesticar esse espaço. Trata-se de um trabalho que será referido na sua obra, a escrita, e com tintas que destacarão sua desenvoltura.

Para Ângela de Castro Gomes (2004), que explora elementos presentes na constituição de escritas autorreferenciais, há demandas que implicam a valoração de si:

A escrita auto-referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da idéia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos (GOMES, 2004, p. 10).

O que percebemos no que diz respeito ao tema em discussão, é que a personalidade de José de Barros permitia que sua experiência pudesse ser avaliada e, depois, oferecida sob perspectivas exemplares para os que dela se apropriassem. E, no que se refere aos usos da memória, podemos compreender por que “Lembranças” alcançou lugar de destaque entre aqueles segmentos que buscavam fundamentos para elaborar e consolidar um passado comum para a região Pantaneira da Nhecolândia. O livro e a trama que lhe dão sustentabilidade versam, a partir de estratégias discursivas e estéticas próprias, sobre uma experiência histórica vitoriosa e que apresenta informações reveladoras de um projeto político, econômico e social exigente de uma origem

laboriosa. José de Barros e, por consequência, a história de sua vida se ajustam no espaço a ser preenchido pelo “herói” que, após longas batalhas, descansou em paz, não sem antes legar uma memória aos que dele descenderam. O herói legou uma herança de múltiplos significados, e dentre as mais salientes estão: a econômica; a memorativa e exemplar; e a congregante.

O texto-fundador contribuiu decisivamente para a construção de uma identidade regional cujo assentamento é o Pantanal. Essa região foi transformada ao longo do século XX, especialmente entre os anos 1930 a 1950, numa imensa e esplendorosa paisagem da memória, proporcionando, assim, o escopo explicativo e justificativo para a identidade pantaneira. Curiosamente, a paisagem-memória que se sustenta na representação edênica do Pantanal patrocina a noção identitária, aquela do suposto *ethos* pantaneiro em cuja sombra repousam descendentes e não descendentes de José de Barros e de Joaquim Eugênio Gomes da Silva.

Referências

ALVES, Gilberto Luiz. José de Barros: a formação de um pioneiro. In: ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande: Eduniderp, 2003. p. 83-98.

ENTREVISTA. *Augusto César Proença*. Realização: Eudes Fernando Leite e Tiago Alinor H. Benfica. Campo Grande: UFGD. 2010. 60min (aprox.). Son. Digital.

BARROS, Abílio L. *Gente pantaneira (crônicas da sua história)*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

BARROS, Abílio L. *Pantanal pioneiros: álbum gráfico e genealógico de pioneiros na ocupação do Pantanal*. Brasília: Senado Federal, 2007.

BARROS, José de. *Lembranças para meus filhos e descendentes*. São Paulo, 1959.

BARROS, José de. *Lembranças para meus filhos e descendentes*. Brasília: Senado Federal, 1987.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Edunicamp, 1992.

LEITE, Eudes Fernando. Memória para a História: Raízes, de Augusto Proença. In: EWALD, Grune Felipe *et al* (orgs.). *Cartografias da Voz: poesia oral e sonora, tradição e vanguarda*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 142-156.

LEITE, Eudes Fernando. *Aquidauana: a baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*. Dourados: Edufgd, 2010.

PINSKY, Carla B.; DE LUCA, Tânia Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PROENÇA, Augusto César. *Rodeio a céu aberto: a bravura do pantaneiro*. Campo Grande: Life Editora, 2010.

PROENÇA, Augusto César. *Pantanal: gente, tradição e história*. Campo Grande: Ed. do Autor, 1992.

PROENÇA, Augusto César. *Raízes do Pantanal: Cangas e Canzis*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François *et al*. Campinas: Edunicamp, 2007.